

FONTES, ENREDOS E ACERVOS:

CULTURA MATERIAL
ESCOLAR EM PESQUISA(S)

Organizadores:

Gizele de Souza

Cecia Aline Garcia

Andréa Bezerra Cordeiro

Marcus Levy Bencostta

NEPIE - UFPR
CURITIBA-2024

*Gizele de Souza
Gecia Aline Garcia
Andréa Bezerra Cordeiro
Marcus Levy Bencostta*

*Fontes, enredos e acervos:
Cultura Material Escolar em Pesquisa(s)*

*Projeto
Grupos de Pesquisa e Experiências sobre Cultura Material
Escolar*

NEPIE/UFPR 2024



Universidade Federal do Paraná
Reitoria
Reitor **Prof. Dr. Ricardo Marcelo Fonseca**
Vice-Reitora **Prof^a. Dr^a. Graciela Inês Bolzón de Muniz**

Setor de Educação
Diretor **Prof. Dr. Marcos Alexandre dos Santos Ferraz**
Vice-Diretora **Prof^a. Dr^a. Fernanda Silva Veloso**

Núcleo de Estudos e Pesquisas em Infância e Educação Infantil
Coordenadora **Prof^a. Dr^a. Gizele de Souza**
Vice- Coordenadora **Prof^a. Dr^a. Marynelma Camargo Garanhani**

Coordenação Editorial
Coleção História, Infâncias e Materialidades
Gizele de Souza - UFPR

Conselho Editorial
Adriana Aparecida Dragone Silveira – UFPR/Brasil
Andréa Cordeiro Bezerra – UFPR/Brasil
Angela Maria Scalabrin Coutinho – UFPR/Brasil
Anna Bondioli – UNIPV/Itália
Antonio Gariboldi – UNIMORE/Itália
Bianca Cristina Correa – USP-Ribeirão Preto/Brasil
Donatella Savio – UNIPV/Itália
Elena Mignosi – UNIPA/Itália
Eliane Teresinha Peres – UFPel/Brasil
Fabiana Silva Fernandes – FCC/Brasil
Fernanda de Lourdes Almeida Leal – UFCG/Brasil
Francesca Davida Pizzigoni – INDIRE/Itália
Geysa Spitz Alcoforado de Abreu – UDESC/Brasil
Heloísa Helena Pimenta Rocha – UNICAMP/Brasil
Isabel de Oliveira e Silva – UFMG/Brasil
Juarez José Tuchinski dos Anjos – UNB/Brasil
Juri Meda – UNIMC/Itália
Mônica Correia Baptista – UFMG/Brasil
Natalia Fernandes – UMINHO/Portugal
Patrícia Corsino – UFRJ/Brasil
Silvia Helena Vieira Cruz – UFC/Brasil
Susana Sosenski – UNAM/México
Vera Lucia Gaspar da Silva – UDESC/Brasil

Copyright © 2024 by NEPIE/UFPR

Coordenação Editorial

Gizele de Souza

Projeto Gráfico e Editoração

Diorama Design e Gecia Aline Garcia

Capa

Diorama Estúdio

Revisão Técnica

Virgínia Lourençon da Silva

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SISTEMA DE BIBLIOTECAS – BIBLIOTECA DO CAMPUS REBOUÇAS

F683 Fontes, enredos e acervos : cultura material escolar em pesquisa(s) / Organizadores: Gizele de Souza et al.; revisão técnica Virgínia Lourençon da Silva. – Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2024.

1 recurso on-line : PDF.

Inclui referências.

ISBN 978-65-5458-280-3.

1. Cultura material – Bibliografia. 2. Cultura material – História 3. Educação – História. I. Souza, Gizele de (Organizador). II. Garcia, Gecia Aline (Organizador). III. Cordeiro, Andréa Bezerra (Organizador). IV. Bencostta, Marcus Levy (Organizador). V. Universidade Federal do Paraná.

CDD: 370

Bibliotecária: Tania de Barros Baggio CRB-9/760

Direitos dessa edição reservados ao NEPIE/UFPR

Autores dos textos



*Andréa Bezerra Cordeiro
Andréia Monteiro Carvalho
Adriana Mileski
Antônio Cleonaldo Bento da Silva
Alessandra Giacomiti
Carolina Ribeiro Cardoso
Carla de Oliveira
César Augusto Castro
Chris de Azevedo Ramil
Eliane Peres
Etienne Baldez Louzada Barbosa
Fátima Branco Godinho de Castro
Franciele Ferreira França
Francesca Davida Pizzigon
Gizele de Souza
Gecia Aline Garcia
Giane Lucélia Grotti
Isabela Ribeiro Espindola
Ione Ribeiro Valle
João Paulo Gama Oliveira
Joseane Cruz Monks
Juarez José Tuchinski dos Anjos
Juliana Calixto Bartsch
Júlia Naomi Kanazawa
Leziany Silveira Daniel
Luana de Jesus Santos
Mara Francieli Motin
Maria do Carmo Martins
Marcus Levy Bencostta
Maria Irinilda da Silva Bezerra
Mariana Batista da Silva
Mateus de Araújo Souza
Natalia Fortunato
Rochele Allgayer
Roberlayne de Oliveira Borges Roballo
Rosa Fátima de Souza Chaloba
Samuel Luís Velázquez Castellanos
Solange Aparecida de Oliveira Hoeller
Vania Grim Thies
Vânia Mara Pereira Machado
Virgínia Lourençon da Silva*

Sumário

Apresentação	9
<i>Gizele de Souza</i>	
<i>Gecia Aline Garcia</i>	
<i>Andréa Bezerra Cordeiro</i>	
<i>Marcus Levy Bencostta</i>	
Prefácio	14
Os objetos escolares como fontes para a história da cultura material da escola	14
<i>Juri Meda</i>	
1º Eixo – Do gesto artesão à escrita da história: entre acervos e manuais	
As potencialidades do acervo do Crefal para a pesquisa sobre recursos audiovisuais para a educação na América Latina	25
<i>Rosa Fátima de Souza Chaloba</i>	
<i>Isabela Ribeiro Espindola</i>	
O acervo do CEDUC da FE/UnB: possibilidades para a história da cultura material escolar	49
<i>Etienne Baldez</i>	
<i>Juarez José Tuchinski dos Anjos</i>	
A indústria de cadernos escolares no Rio Grande do Sul (1920-1970)	72
<i>Chris de Azevedo Ramil</i>	
<i>Eliane Peres</i>	
Os recibos comerciais e as suas possibilidades interpretativas para a pesquisa em cultura material escolar	96
<i>Virgínia Lourençon da Silva</i>	
<i>Gecia Aline Garcia</i>	
<i>Gizele de Souza</i>	
Explorando os acervos de congregações religiosas: possibilidades e desafios para a história da educação	124
<i>Mara Francieli Motin</i>	

Manuais de práticas da enosa, artefatos preservados no Centro de Memória Etec Cônego José Bento: breve descrição e suas potencialidades como fonte de estudos e pesquisas em cultura material escolar 143
Júlia Naomi Kanazawa

Os manuais da coleção atualidades pedagógicas presentes na formação de professores do Paraná e de Santa Catarina/Brasil (1930-1940) 163
Roberlayne de Oliveira Borges Roballo
Leziany Silveira Daniel

Manuais pedagógicos como objeto e fonte de pesquisa histórica: possibilidades de investigação 190
Carolina Ribeiro Cardoso
Natália Fortunato

2º Eixo – Vestígios da infância e memórias docentes

Creche: Infância e experiência educativa - aproximações teóricas-metodológicas por intermédio da cultura material 215
Carla de Oliveira
Maria do Carmo Martins

Os boletins da Secretaria de Educação e Cultura do Estado do Paraná (1951 a 1953): Fontes e referências para a história da educação nos jardins de infância paranaenses 240
Alessandra Giacomiti

Coleções para a infância: enredos e possibilidades para se pensar história da educação e cultura material escolar 257
Juliana Calixto Bartsch

Ofereço-te este como recompensa de tua aplicação: santinhos de incentivo ao bom aluno (1950-1960) 275
Joseane Cruz Monks
Vania Grim Thies

Livros de registros como materialidades da indisciplina, do horror, das visitas, das inspeções, dos elogios: memória docente (Santa Catarina – 1950-1999) 296
Solange Aparecida de Oliveira Hoeller
Ione Ribeiro Valle

Cultura material da escola de educação infantil menino Jesus como patrimônio histórico educativo: possibilidades e contribuições para a pesquisa em história e historiografia da educação rio-branquense 318
Mariana Batista da Silva
Giane Lucélia Grotti

3º Eixo – Para dar a ver: imprensa e fotografias na História da Educação

A fotografia como fonte para a reconstrução do museu histórico escolar: o caso do Instituto de Educação do Paraná 339
Rochele Allgayer
Francesca Davida Pizzigoni

“Da luz do saber e do labor das oficinas depende a felicidade da família, da sociedade e da pátria”: as fotografias da oficina de marcenaria da escola de artes e ofícios dos ferroviários (1933-1940) 366
Fátima Branco Godinho de Castro
Vânia Mara Pereira Machado

As fotografias como fonte de pesquisa para entender o processo de escolarização nas escolas de colônias de São José dos Pinhais 386
Adriana Mileski

“La escuela nueva en acción”: a materialidade escolar para a nova educação na América Latina em revistas para professores no primeiro terço do século XX 410
Andréa Bezerra Cordeiro
Franciele F. França

Cultura escolar: o olhar dos jornais impressos para as instituições de educação 432
Maria Irinilda da Silva Bezerra
Antônio Cleonaldo Bento da Silva

A fotografia como fonte para a reconstrução do museu histórico escolar: o caso do Instituto de Educação do Paraná

Rochele Allgayer¹
Francesca Davida Pizzigoni²

Introdução

Figura 1 – Sala de aula do Instituto de Educação do Paraná³



Fonte: Instituto de Educação do Paraná entre 1930 e 1950

1 - UFPR. Curitiba, Paraná, Brasil. E-mail: allgayer.rochele@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1311956616701827>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2728-1370>

2 - UNITO. Torino, Itália. E-mail: francescadavida.pizzigoni@unito.it. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6475373068487239>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9117-4027>.

3 - Não há informações precisas sobre o ano em que imagens do acervo foram feitas, mas segundo o Instituto de Educação do Paraná (IEP) seria entre os anos 1930 e 1950. Agradecemos a profissional Marli Freitas, funcionária da escola por mais de 30 anos, que nos acompanhou em uma visita ao acervo fotográfico, bem como às demais dependências do IEP.

A imagem acima é do acervo de fotos do Instituto de Educação do Paraná e provoca reflexões voltadas a pensar o interior da escola, de uma sala de aula e seus artefatos como lousas, mesas, carteiras, equipamentos, brinquedos entre outros que se inserem no âmbito da cultura material escolar. Também sugere a ideia de um museu escolar localizado no interior da própria sala. Na memória das escolas, as fotos registram os alunos, os professores, o prédio escolar, os gabinetes, as atividades práticas, os objetos de ensino, as datas importantes e vão compondo álbuns em pequenos ou grandes acervos de imagens que se configuram em memórias daquela instituição. Tais imagens representam potentes fontes que podem ser reveladoras das práticas escolares, da organização do espaço e dos objetos utilizados em sala.

A composição material escolar ganhou mais espaço no final do século XIX. Importante ressaltar que este foi um tempo marcado por algumas transformações como a urbanização das cidades, o crescimento demográfico, caracterizado também pela construção de novos prédios escolares, o surgimento de novos materiais escolares, o desenvolvimento da pedagogia moderna e, não menos importante, o estabelecimento de um mercado industrial. Na obra *Cultura Material Escolar: Fontes para a História da Escola e da Escolarização Elementar (MA, SP, PR, SC e RS 1870-1925)* os autores fornecem elementos importantes sobre o tema.

Dos museus escolares do século XIX à lousa eletrônica do século XXI, uma ampla gama de materiais invadiu o universo da escola e nela passou a ter assento. Testemunham concepções pedagógicas concorrentes, assim como diferentes expectativas sobre o lugar social da escola e da escolarização, partilhadas por distintos grupos e construídas a partir dos interesses mais diversos que se estendem das reivindicações de camadas sociais a demandas estatais e de grandes conglomerados comerciais e industriais. Ao mesmo tempo, essa materialidade é apropriada diferentemente pelos sujeitos escolares em seus vários níveis hierárquicos e posições institucionais; e produz efeitos, por vezes inesperados. Captar esses movimentos possibilita, no estudo da escola, manifestar a complexidade das relações sociais (CASTRO, VIDAL, PERES, SOUZA, SILVA, p.25).

O termo cultura material refere-se à relação dos homens com os objetos. Rosa Fátima de Souza (2007, p.169) amplia esta lente e lembra que “é preciso ter em vista que os artefatos são produtos do trabalho humano e apresentam duas facetas: eles têm uma função primária (uma utilidade prática) e exercem funções secundárias, isto é, simbólicas.” Nesse sentido pode-se inferir que os artefatos inseridos, devidamente representados pela sua materialidade na educação, funcionariam como mediadores das atividades humanas e do ensino e aprendizagem.

O uso dos objetos de ensino no espaço escolar ocorre desde o século XIX e pode ajudar a pensar sobre os projetos modernizadores da educação brasileira. Conforme Katya Braghini (2017) “a ideia de obtenção do conhecimento por meio da experiência direta com a chamada “realidade” passou a elencar o objeto, ou as “coisas” como recursos imediatos e meios profícuos para que fosse executado o ato de ensinar” (p.67, grifos da autora). Ainda no decorrer do XIX, difundiu-se a ideia de que a escola era um equipamento social que poderia ser utilizado para alavancar o progresso, para modernizar e propor mudanças sociais.

Ler e decifrar as imagens: um desafio para o historiador

A foto propõe um novo tipo de ver as coisas, a partir do olhar do outro. Ela é uma representação da realidade daquele momento. Ao pensar nas fotografias como fonte recorreremos a Burke que as considera como uma testemunha ocular valiosa com potencialidade para o estudo da cultura material porque “elas podem revelar artefatos do passado e como tais objetos eram usados”, (BURKE, 2004, p. 121 e 122). Boris Kossoy (2014) afirma que toda a fotografia representa uma interrupção do tempo e, portanto, da vida”. Para Jacques Aumont (1995) o olhar não é simplesmente ver, apreender, pelo sentido da visão, a realidade. Olhar é interpretar. É, a partir de uma fotografia, compreender a conjunção de olhares que a construiu. Investigar no visível tudo o que é aparente e tudo o que é invisível. Na mesma linha, Vilém Flusser (1985, 2007) nos atenta que “o deciframento de fotografias

é possível, porque, embora inseparáveis, as intenções do fotógrafo e do aparelho (...) as fotografias são imagens técnicas que transcodificam conceitos em superfícies”.

Sobre o mundo-imagem, Susan Sontag (p.172) afirma “a fotografia é de certa forma uma aquisição...temos numa foto uma posse vicária sobre pessoas e objetos”. Sontag aponta a interação entre fotografia e cotidiano como uma relação estabelecida. Para a autora, a fotografia tornou-se parte fundamental dos ritos sociais. Nesse sentido destacam-se os estudos de Rosa Fátima de Souza (2001) e Rachel Abdala (2013) entre outros. Souza (2001) apresenta uma leitura de fotografias escolares, explorando um acervo de 55 fotografias, analisando 4 categorias denominadas arquitetura escolar, classes de alunos, corpo docente e atividades escolares. Rachel Abdala, investigou a Reforma Educacional de Fernando de Azevedo no Distrito Federal (anos 20 e 30) e evidencia como as imagens produzidas pelos fotógrafos oficiais Augusto Malta e Nicolas Alagemovits, podem ter contribuído para a representação da chamada Escola Nova no período republicano.

Ao escrever sobre imagens como fontes, Burke sustenta que elas são como uma testemunha ocular valiosa com potencialidade para o estudo da cultura material porque “elas podem revelar artefatos do passado e como tais objetos eram usados”, (BURKE, 2004, p. 121 e 122). Depreendem-se dessas leituras, a potencialidade do uso das fotografias no estudo da história. Ainda, segundo Ulpiano de Meneses o objeto age como mediador da memória e a peça física não é autônoma, não conta sua história apenas pela sua condição material.

As imagens não têm sentido em si, imanentes. Elas contam apenas — já que não passam de artefatos, coisas materiais ou empíricas — com atributos físicoquímicos intrínsecos. É a interação social que produz sentidos, mobilizando diferencialmente (no tempo, no espaço, nos lugares e circunstâncias sociais, nos agentes que intervêm) determinados atributos para dar existência social (sensorial) a sentidos e valores e fazê-los atuar. Daí não se pode limitar a tarefa à procura do sentido essencial de uma imagem ou de seus sentidos originais, subordinados às motivações subjetivas do autor, e assim por

diante. É necessário tomar a imagem como um enunciado, que só se apreende na fala, em situação. Daí também a importância de retrair a biografia, a carreira, a trajetória das imagens. (MENESES, 2003, p.28)

Nessa esteira, tentamos aqui refletir sobre que sinais a biografia de um objeto documento poderia trazer para a pesquisa da memória e cultura material na esfera da educação? Caberia aos pesquisadores buscarem nos artefatos os sentidos e significados, os sujeitos que os produziram e as narrativas e discursos produzidos sobre o objeto. “Para traçar e explicar as biografias dos objetos é necessário examiná-los ‘em situação’, nas diversas modalidades e efeitos das apropriações de que foram parte. Não se trata de recompor um cenário material, mas de entender os artefatos na interação social”, (MENESES, 1998, p. 92). A partir disso, o que as fotos de um acervo escolar podem revelar?

Escola Normal, Instituto de Educação do Paraná, Palácio da Instrução... tantos nomes em mais de um século de história

Figura 2 – Escola Normal de Curitiba



Fonte: Acervo Lysimaco Ferreira da Costa

A instituição foi criada em 12 de abril de 1876, com o nome de Escola Normal⁴ pela Lei n.º 456, que criou a Escola Normal e o Instituto Paranaense (antigo Liceu e, posteriormente, Ginásio Paranaense), durante o governo de Adolpho Lamenha Lins. “Ambos os cursos funcionavam na rua Ébano Pereira, entre as ruas Saldanha Marinho e Cruz Machado. Em 1922, a Escola Normal⁵ passa a ter instalações próprias. O governador Dr. Caetano Munhoz da Rocha entrega o prédio do atual Instituto de Educação do Paraná, que recebeu o nome de Palácio da Instrução” (IWAYA, 2000, p.7). As instalações foram inauguradas no dia 7 de setembro de 1922, em comemoração ao centenário da Independência do Brasil. Em 1923, depois de inaugurado o novo prédio da Escola Normal, “Lysimaco Ferreira da Costa atuou como diretor, transformando-a em Escola Normal Secundária dando continuidade ao plano da reforma da instrução pública, iniciada em 1920” (MIGUEL, 1997, p.34).

Durante este mesmo período, a figura do educador Lysimaco Ferreira da Costa⁶ (1883-1943) destaca-se na área da educação quando dirigiu o Ginásio Paranaense e a Escola Normal de Curitiba. Como Inspetor Geral da Instrução

4 - A escola passou por várias denominações: Escola Normal (1876); Escola Normal Secundária (1923); e Escola de Professores (1936). O nome de Instituto de Educação do Paraná viria se tornar oficial apenas em 1946. Tornou-se posteriormente Instituto de Educação Prof. Erasmo Piloto, em 1992, e Instituto de Educação do Paraná Prof. Erasmo Piloto no ano seguinte. Fonte: patrimoniocultural.pr.gov.br

5 - A Escola Normal foi a principal referência em termos de formação de professores de séries iniciais do Paraná. O Instituto de Educação, mesmo oferecendo vários outros cursos como pré-escolar, curso primário, curso ginásial, curso de administração escolar e mais tarde os cursos adicionais, tornou-se sinônimo de escola de magistério. Diante de uma instituição com uma longa trajetória histórica e com um significado não somente social e cultural, mas também afetivo para várias gerações de mulheres e homens que por ali passaram como discentes e/ou docentes, torna-se difícil não reconhecer a importância do I.E.P. no contexto educacional do Estado. Ao longo de mais de um século de existência, imprimiu sua marca em milhares de professores, sendo que importantes nomes da educação paranaense tiveram passagem por esta instituição. Durante muito tempo, a maioria dos professores das escolas primárias do Estado foram formados por este estabelecimento de ensino, seja de forma direta ou indireta, pois a rede de Escolas Normais (Regionais e/ou Secundárias) que aos poucos foi se estendendo por vários municípios paranaenses constituía se em desdobramento dela própria, através dos professores que ali se formaram. Fonte: Ver o trabalho de Marilda Iwaya denominado Palácio da Instrução: Representações sobre o Instituto de Educação do Paraná Professor Erasmo Pilotto (1940 – 1960), 2000.

6 - Lysimaco Ferreira da Costa foi educador, reformador e político no cenário educacional, no final do século XIX e início do século XX. Pertenceu a várias sociedades relacionadas à Educação: Instituto Brasileiro de Filologia (RJ); Associação Brasileira de Educação-ABE(RJ), Associação Paranaense de Educação (PR), Sociedade Brasileira de Educação (RJ), Liga Pedagógica do Ensino Secundário(RJ), Instituto Nacional de Ciência Política (RJ), Instituto Científico de Estudos Corporativos (RJ), Sociedade Amigos de Alberto Torres (RJ), Centro Dom Vital (RJ), Instituto de Engenharia do Paraná (PR), Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (RJ), Sociedade Fluminense de Agricultura e Indústria Rurais (Niterói- RJ), Bureau Internacional de Educação – Instituto Jean Jaques Rousseau (Genebra-Suíça), Academia de Letras do Paraná (PR) Sociedade Magnética da França (Paris) segundo (Costa, 1987).

Pública foi responsável pela criação de uma nova organização e estrutura da Escola Normal, que passou a se chamar Escola Normal Secundária. Ainda foi responsável por realizar em Curitiba, a I Conferência Nacional de Educação, trazendo para o evento educadores de todo o país.

O cenário é a Curitiba dos anos de 1920. O governo do Paraná, representado por Caetano Munhoz da Rocha, propagandeou o progresso que ocorria no estado. Um exemplar dessa tentativa é o filme “*Pelo Paraná maior*” (1927)⁷, que publicizou o estado como grande exemplo de civilização e de desenvolvimento social. Era a retórica do ideal de progresso exibido na tela. Esse filme foi produzido para ser exibido na Exposição do Segundo Centenário Cafeeiro do Brasil, na cidade de São Paulo, em 1927. Um dos temas exibidos na película foi a construção de novos prédios públicos e documentou ampliação de novas estradas. Na área da educação, as imagens da infraestrutura escolar destacaram o cotidiano dos grupos escolares e das Escolas Normais de Curitiba, Paranaguá e Ponta Grossa. Apesar do filme documentário *Pelo Paraná Maior* ter sido exibido oficialmente, em sua primeira sessão, no dia 5 de novembro de 1927, às 20hs, no salão de projeções da Exposição do Café de Rezende, em São Paulo, nada impede que partes dele possam ter sido exibidas anteriormente como material para mostrar o Paraná (ALLGAYER, 2020).

Segundo o jornal *Diário da Tarde* datado de 27 de agosto de 1927, Lysimaco Ferreira da Costa, então inspetor geral do ensino no Paraná e Delegado do Estado no Congresso do Café, a pedido da Associação Brasileira de Educação (ABE) realizou uma conferência sobre os “Aspectos do ensino paranaense”. Nesta apresentação Lysimaco exibiu o filme que mostrava entre outras coisas as Escolas Normais de Curitiba, Ponta Grossa e de Paranaguá “causando especial sensação na assistência o aspecto das crianças paranaenses e o museu escolar da Escola Normal Secundária” (*Diário da Tarde*⁸, 27/08/1927). Lysimaco tratou do

7 - Alguns outros trabalhos que investigaram o filme *Pelo Paraná Maior*: CORREIA PUPPO (2015); ALLGAYER (2020) e VIEIRA D.M.; ALLGAYER, R. (2023).

8 - *Diário da Tarde* – A instrução pública no Paraná disponível na Hemeroteca Nacional Digital no link: <http://memoria.bn.br/DocReader/800074/32653>

ensino secundário, das funções dos lentes professores das escolas normais, dos cursos geral e especial e seus magníficos resultados; do ensino de psicologia e pedologia: do ambiente educativo da Escola Normal Secundária; da metodização da lição segundo o regime herbaciano, suas vantagens no ensino secundário e seus inconvenientes no primário: do método funcional de educação e dos passos formais da lição sob este aspecto educativo definiu de modo especial o interesse infantil, citando para este fim interessantes experiências feitas no Paraná de Pedagogia experimental do método de projetos segundo Kilpatrick e Woodhull: da função social da escola, depois dos trabalhos de Decroly e dos irmãos Dewey e Aguayo (DIÁRIO DA TARDE, 27/08/1927).

Segundo Lysimaco, no Paraná, a vida na escola girava em torno do aluno falando sobre métodos e processos atraentes e eficazes no ensino e na vida na escola. Em documentos intitulados Mensagens de Governo⁹, assinados pelo presidente do estado Caetano Munhoz da Rocha, entre os anos de 1927 e 1928, encontram-se descritos os investimentos realizados na Instrução Pública do estado. No texto de 1927, o governo aponta que atendeu amplamente à difusão do ensino no estado.

Foram devidamente providas de excelente mobiliário e material de ensino os jardins de infância, os grupos e as casas escolares, as escolas isoladas e as complementares, que necessitavam desse aparelhamento. Encomendaram-se na Europa os laboratórios de física, química e história natural, destinados às três escolas normais do Estado. O museu da Escola Normal da Capital foi consideravelmente melhorado com a organização de uma secção de preparação e enriquecido de numerosas espécies paranaenses. Providenciou-se a aquisição de duplicadores para a Escola Normal Secundária, a fim de serem impressas as lições de psicologia, pedagogia, metodologia de todas as matérias e disciplinas do curso especial, as de puericultura, de prática e crítica pedagógicas, fazendo-se distribuir gratuitamente os folhetos entre os alunos, à vista da grande dificuldade em obter livros adequados ao curso modo. (PARANÁ, 1927, p. 190 e 191).

9 - As Mensagens de Governo são relatórios do presidente do ano findo, apresentados na Assembleia Legislativa e disponíveis nos arquivos públicos. Tais documentos descrevem as ações realizadas pelo governo.

O mesmo documento indica a aquisição de material registrando que o Ginásio Paranaense e a Escola Normal receberam novo mobiliário adequado para o ensino do desenho e aguardam a chegada dos novos gabinetes e laboratórios de física, química e História Natural encomendados da França (Paraná, 1927, p.214). Aqui nos interessa pensar sobre o Museu Escolar da Escola Normal Secundária. A que tipo de museu se referiu Lysimaco? Como ele era? Qual sua proporção? Que tipo de objetos? Era uma sala separada para o museu? Ou era uma sala de aula em que também havia um espaço para o museu?

A ideia de museu escolar e/ou pedagógico insere-se na representação da modernidade intelectual brasileira, decorrente da participação da Exposições Universais, do contato com as publicações e de visitas aos estabelecimentos estrangeiros” (BASTOS, 2005, p. 123-124). Um extrato do relatório que tratava da Instrução Pública do Império, com data de 1879, publicado na imprensa do Rio de Janeiro¹⁰ já sinalizava que

nos lugares onde houver escolas normais deverão ser instituídas bibliotecas e museus pedagógicos, onde os alunos-mestres possam ver e familiarizar-se com todos os livros, quadros, móveis e mais objetos destinados aos estabelecimentos de instrução, conforme os diferentes sistemas e métodos (O APÓSTOLO, 4/04/1879).

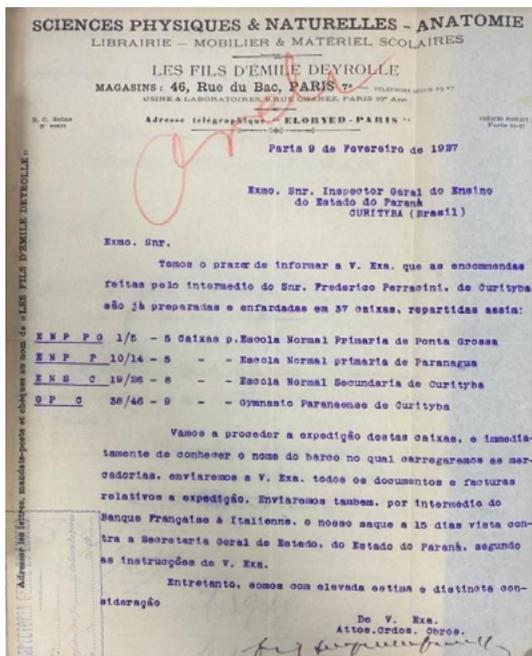
Uma correspondência¹¹ vinda de Paris para o Governo de Curitiba, com data de 9 de fevereiro de 1927, confirma que “as encomendas feitas pelo Sr. Frederico Perracini de Curitiba são já preparadas e enfiadas em 37 caixas repartidas entre as três escolas normais e o Ginásio Paranaense”. No papel timbrado da carta encontram-se dados do emissor nominado por *SCIENCES PHYSIQUES & NATURELLES - ANATOMIE LIBRAIRIE-MOBILIER & MATÉRIEL SCOLAIRES-LES FILS D'ÉMILE DEYROLLE*. A casa comercial Maison Deyrolle, criada em 1831, em Paris/França, por Jean-Baptiste Deyrolle, produzia

10 - Ver O Apóstolo. Texto do Ministério do Império com o Extrato do Relatório que trata da Instrução Primária em 1879, disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/343951/5973>

11 - Embora tenha sido realizada uma minuciosa pesquisa no Arquivo Público do Paraná (DEAP), ainda não foi encontrada a documentação referente à chegada do material via barco conforme relata a carta.

materiais e coleções pedagógicas. Deyrolle comercializou o seu material educativo no final do século XIX não apenas na França, mas em 120 países diferentes¹². A casa era especializada em taxidermia e na venda de coleções para o ensino de História Natural. A empresa francesa Maison Deyrolle, começou a editar suas pranchas escolares, o Musée Scolaire Deyrolle, em 1861, sob a administração do naturalista Emile Deyrolle. O governo tornou-se o principal comprador desse material. Na década de 1890, as pranchas chegaram ao Brasil. (VIDAL, 2009, p. 10-11)

Figura 3 - Correspondência da casa comercial Maison Deyrolle para o inspetor geral de ensino do Paraná



Fonte: AP 2235, 1927. DEAP

12 - Deyrolle. Disponível em: <https://www.deyrolle.com/histoire/historique-de-la-maisondeyrolle/naissance-la-famille-deyrolle>.

Quem era o professor Frederico Perracini citado na correspondência que confirma a compra e envio de materiais da Deyrolle para Lysimaco Ferreira da Costa, então inspetor geral do ensino no Paraná? O jornal *A República do Paraná*¹³ (1920) nos conta que Perracini havia retornado a Curitiba em fevereiro de 1920 para completar o corpo docente da Escola Agrônômica do Paraná¹⁴, ministrando as aulas de Química Analítica, Química Agrícola e Microbiologia Química. Frederico Perracini nasceu no Distrito de Santa Felicidade (1894), em Curitiba, mudando-se para a Itália aos 9 anos, permanecendo naquele país até os anos de 1920. Ele é diplomado pelo Curso Superior da Escola Real de Viticultura Humberto I, laureado na Régia Escola Superior de Agricultura de Milão. Trabalhou em Alba, no Consorzio Antifillosserico. Era professor de Física, Ciências Naturais e Química, no Instituto Commercial di Cunco. Foi diretor do jornal de agricultura prática chamado *L'Agricoltore Albeze* e publicou vários livros. Além de atuar na educação como professor, Perracini, segundo o *Jornal Correio Paulistano*¹⁵ (1928), era cessionário da *Société Anonime Brevetti Beccari*, com sede em Firenze, com tratativas relacionadas à patente de um sistema de lixo para a cidade de São Paulo e municípios limítrofes. Perracini e Lysimaco atuam no mesmo período na Escola Agrônômica do Paraná e pode-se pensar que Lysimaco interessado em fazer uma compra de materiais para 4 escolas, tenha solicitado a Perracini que fizesse a mediação entre a Deyrolle e a direção da Instrução Pública do Paraná. É interessante perceber que a entrada do material e das coleções pedagógicas Deyrolle tenha sido intermediada por meio de um brasileiro/italiano.

13 - República, PR, 03 de fevereiro de 1920. "Regressa da Itália um patricio ilustre", disponível em <https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=215554&pesq=%22Frederico%20Perracini%22&pasta=ano%20192&hf=memoria.bn.br&pagfis=35178>

14 - A Escola Agrônômica do Paraná, organizada e fundada em 1918 por Lysimaco Ferreira da Costa, também atuou como o primeiro Diretor.

15 - Correio Paulistano. Câmara Municipal, 2ª. Parte – Ordem do Dia - Parecer N.39/1928 – assinatura de contrato da Prefeitura com Frederico Perracini, relativo ao sistema Beccari, para produzir a depuração biológico do lixo, disponível em https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_07&pesq=%22Frederico%20Perracini%22&pasta=ano%20192&hf=memoria.bn.br&pagfis=29794

Nascimento e características do museu escolar

O museu escolar é uma expressão direta do pensamento pedagógico positivista. Como se sabe, constitui uma mudança profunda em relação ao método tradicional de aprendizagem transmissiva e atribui um novo papel ao aluno, que se torna protagonista ativo das aulas. A didática objetiva, o uso dos cinco sentidos e lições de “coisas” tornam-se, portanto, o método de trabalho que entra na sala de aula a partir da segunda metade do século XIX e que é expressão desse novo pensamento pedagógico (Meda, 2010; Gramado, 2013); Brunelli, 2020). Já que as aulas diárias nesta nova concepção são baseadas na relação direta do aluno com os objetos de aprendizagem, estes objetos devem “entrar na escola”: assim são criadas coleções que são chamadas de “museu escolar”. Este museu é, portanto, um conjunto de objetos destinados a apoiar as aulas, permitindo ver, tocar e entrar em contacto com a representação iconográfica ou tridimensional do conceito que está sendo aprendido. Nesse sentido, como bem definiu Marta Brunelli recentemente em seu volume dedicado ao museu escolar (2020), trata-se de um “dispositivo educativo”. As origens desta ideia de coleção remontam às “lições de coisas” promovidas por Pape Carpentier (1868), mas na realidade o princípio do uso da observação e do contato direto com os objetos têm suas raízes no pensamento pedagógico de Comenius, Pestalozzi, Rousseau, como bem reconstrói Ferdinand Buisson em seu *Dictionnaire de pédagogie et d’instruction primaire* (1887), no qual nos oferece um panorama histórico do nascimento do museu escolar. Em outras palavras, o museu escolar foi por excelência o instrumento que permitiu a aplicação concreta do método objetivo, também denominado intuitivo ou experimental, que exigia que o aluno fosse colocado em relação direta com o objeto fulcro do tópico da aula. Através da observação e da reflexão, o aluno se tornava “professor de si mesmo”.

Parafraseando Vecchia (1882), a “ferramenta do museu escolar” era simplesmente o dispositivo necessário para substituir o antigo método mnemônico pelo método da observação. Em outras palavras, como afirmou Buzzetti (1913): “É o museu que substitui o verbalismo pela realidade [...],

é o museu que transforma a pobre e sombria escolinha do formalismo na escola moderna do realismo experimental”. Se quiséssemos tentar sintetizar de alguma forma as definições dos pensadores-educadores coevos ao desenvolvimento e à afirmação do museu escolar, poderíamos dizer sem medo de contradição que é o instrumento tridimensional que acompanha, aliás, de alguma forma reifica, a mudança de paradigma metodológico que é um espelho do paradigma teórico-pedagógico da época. É um emblema disso, mas é também uma recaída operacional.

Esta coleção foi alojada diretamente nas escolas e consistia em espécimes naturais e artificiais dos três Reinos da Natureza. A esta conformação inicial - que também poderia ser realizada individualmente pelos professores de forma autônoma, por meio da coleta de amostras (sementes, cascas, madeiras, folhas, pedaços de vidro, tecidos, materiais de construção e assim por diante) - logo vão ser acrescentadas ferramentas didáticas e modelos em miniatura produzidos por uma indústria escolar cada vez mais atenta ao nascimento e ao desenvolvimento do museu escolar (VIDAL, 2009; MOEGLIN, 2010; MEDA, 2016; MORANDINI & PIZZIGONI, 2023). A coleção foi planejada para apoiar todas as disciplinas ensinadas na escola, da matemática à história, do desenho às ciências, da linguagem à religião. Por esse motivo não existe uma conformação padrão da coleção que constitui o museu escolar, mas ela baseia-se nas necessidades de cada professor e na sua sensibilidade. Contudo, desde a década de 1880 temos assistido ao desenvolvimento de uma série de publicações dedicadas ao tema do museu escolar e mais especificamente a inventários de museus já realizados ou a guias para professores que pretendam realizar um (SENET, 1896; PIZZIGONI, 2023). Estas publicações nos permitem hoje conhecer algumas coleções e assim reconstruir o aspecto e a composição de alguns destes museus. Em particular, eles testemunham-nos como - ao contrário do que o termo “museu” nos leva a pensar hoje - não se trata de salas inteiras onde os objetos didáticos são expostos, mas de armários onde são guardados ou até mesmo de caixas didáticas com amostras e com objetos em miniatura, como nos mostram, por exemplo, os museus escolares propostos pelas empresas Durignon, Paravia, Vallardi, Delagrave, Nathan, Garcet e Sistus.

Uma vez esclarecido que o termo “museu escolar” significa uma coleção didática que pode ter uma conformação diferente e, também, uma “forma” diferente (armário, caixa, vitrines...) é também oportuno sublinhar a profunda diferença entre um museu escolar e um museu pedagógico. Embora se desenvolvam no mesmo período, a sua função (e consequentemente a sua coleção e a sua localização) é profundamente diferente. De fato, o museu pedagógico não foi concebido para o ensino diário em sala de aula, mas para a formação dos professores: era um local de recolha e estudo de materiais de apoio, manuais, modelos de mobiliário e normas de todo o mundo, disponíveis para a formação em serviço da classe docente e gestora ligada ao mundo da escola, visando mostrar inovações no campo dos estudos pedagógicos, didáticos e normativos relacionados ao tema da educação e da educação como um todo.

Durante muitos anos houve uma certa confusão terminológica entre museu pedagógico e museu escolar (este último também denominado museu educativo ou museu escolar), o que não tem facilitado a transmissão da identidade clara do próprio museu escolar (NITSH, 2001; BERRIO, 2002; PETRY & GASPAS, 2013).

Como já mencionado, apresenta-se como uma coleção de amostras naturais e artificiais e de ferramentas e objetos didáticos que visam, como já citado a colocar concretamente sob o olhar dos alunos os conceitos tratados nas aulas diárias. Os objetos podiam, portanto, ser retirados dos armários e mostrados diretamente aos alunos que também podiam tocá-los, manipulá-los, desmontá-los e, principalmente, observá-los de perto.

A adoção destes museus escolares em escolas de diferentes níveis escolares (do ensino fundamental ao médio) torna-se habitual em todos os países¹⁶ e desenvolve-se por mais de cinquenta anos, indo nas décadas de vinte e trinta do século XX viver um segundo momento de forte crescimento

16 - É oportuno recordar como a difusão internacional do museu escolar também se dá graças às Exposições Universais nas quais os representantes dos vários países puderam entrar em contacto com conhecimentos educativos e pedagógicos, inovações e observar os produtos apresentados pelas diversas empresas da nova indústria escolar. Essas ocasiões tornam-se um momento em que se criam trocas, relações recíprocas e “importações” entre um país e outro, capazes de influenciar a divulgação de acervos educacionais em diferentes países (GROSVENOR, 2005; LAWN, 2009; LAWN & GROSVENOR, 2009; VIDAL, 2009; ESCOLANO, 2012; ALCANTARA, 2023; GASPAS DA SILVA, DE SOUZA 2018).

e difusão (BOYER, 2011). Em particular, vale a pena especificar que o museu escolar passou a assumir um papel especial - ou melhor, duplo - nas Escolas Normais destinadas à formação de professores: não era apenas utilizado nas aulas diárias dos alunos, mas também para lhes ensinar como utilizar o museu escolar como ferramenta de trabalho no seu futuro profissional. Um tipo de abordagem aos objetos didáticos para conhecê-los a fundo e saber utilizá-los durante uma aula que futuramente os alunos da escola Normal, ao se tornarem professores, utilizarão com seus alunos. Devido a esta dupla função, muitas vezes os museus escolares presentes nas Escolas Normais são também chamados museus pedagógicos que se destinam precisamente à sua função de formação de futuros professores: esse é o caso, por exemplo, do museu da escola Normal masculina de Caserta (CHIAIA, 1879) ou do museu pedagógico e escolar de Gênova (PIZZI, 1883).

É evidente que o caso do museu escolar presente numa escola Normal e que, portanto, também desempenha de alguma forma o papel do museu pedagógico, contribui para criar mais um motivo de confusão com relação aos limites claros das características e definições de cada uma das duas categorias de museu, o escolar e o pedagógico. Se, como já foi bem identificado (NUZZACI, 2002; BOYER, 2009; LINARES, 2012) o museu pedagógico também possui uma seção dedicada à biblioteca pedagógica internacional, coleciona leis e revistas educacionais de outros países, publica um “jornal” do próprio museu e realiza uma série de conferências, muitas vezes até mesmo criando comitês de trabalho temáticos, então podemos afirmar que no caso das coleções das escolas Normais nas quais geralmente faltam todas estas características identitárias, então a sua coleção pode ser considerada muito mais próxima do museu escolar do que do museu pedagógico.

O museu escolar do Instituto de Educação do Paraná reconstruído por meio de fontes fotográficas

A documentação fotográfica histórica atualmente conservada no Instituto de Educação do Paraná nos permite reconstruir - pelo menos em

parte - a coleção didática original deste Instituto das primeiras décadas do século XX. Esta é uma oportunidade muito significativa no que diz respeito à investigação histórico-educativa, pois é raro ter fotografias de museus escolares: estas imagens eram geralmente produzidas apenas em Institutos de certo prestígio, muito históricos, com um papel central no sistema educacional de uma cidade ou um país. Ou por ocasião de aniversários especiais da vida escolar, de visitas institucionais muito importantes ou mesmo por ocasião da criação de álbuns para participação em Exposições nacionais ou internacionais. No caso do Instituto de Educação do Paraná, essas fotografias são atualmente mantidas como parte da iniciativa do Centro de Memória que a escola criou para preservar e valorizar sua história, mas não são datadas ou atribuíveis com certeza a nenhum evento específico. Conforme reconstruído pelos representantes do Centro de Memória, as fotos foram tiradas por volta das décadas de 1930 e 1950.

No geral, são apenas algumas imagens, cinco ao todo, que nos oferecem um corte transversal de algumas salas de aula onde se encontravam os materiais do museu escolar e permitem-nos assim reconstruir a modalidade expositiva. No entanto, importa sublinhar que aquilo que podemos apreciar nas fotografias e que podemos, portanto, tentar reconstruir, não coincide com o museu escolar inteiro, mas presumivelmente apenas com uma parte dele, fruto das escolhas do enquadramento do fotógrafo que selecionou algumas partes. Da mesma forma, não podemos sequer afirmar com certeza, que outras fotos de outras partes do material não foram perdidas. Por esse motivo, vale ter em mente que o que vamos tentar reconstruir por meio das fotos não coincide com o patrimônio real que a escola possui num determinado período histórico, mas com a parte dele que pode ser identificada por meio de fotografias e, além disso, por meio daquelas fotografias que chegaram até nós. Há, portanto, dois tipos de filtros que se intercalam entre o verdadeiro patrimônio educativo da escola na década de 1930/1950 e o que hoje podemos reconstruir por meio das fotografias: o olhar subjetivo do fotógrafo e a ação do tempo que selecionou quais imagens chegaram até nós (lacuna à qual se acrescenta a ausência de um arquivo histórico escolar que nos forneça um

inventário preciso dos objetos possuídos no passado ou documente a sua presença).

O enquadramento das fotografias à nossa disposição não nos permite apreciar nem as vitrines individualmente, nem os objetos específicos, mas apenas oferece-nos uma visão geral. Consequentemente, não é possível extrapolar dados sobre o fabricante ou o vendedor dos diversos materiais educativos retratados nas imagens apenas com base nas fotografias. Ao mesmo tempo, justamente pela observação do mesmo dado relativo ao ângulo escolhido, entendemos que o propósito original dessas imagens não era documentar a coleção escolar ou uma atenção específica nela, mas sim uma celebração geral da escola, da qual simplesmente a coleção didática representava uma parte de sua dotação. As fotografias permitem-nos apreciar como o Instituto foi equipado com várias salas disciplinares organizadas em forma de salas de laboratório nas quais em torno de uma parte central ocupada por carteiras, havia vitrines expositivas dispostas na parede com objetos contidos dentro e fora delas.

Figura 4 – Sala de aula Instituto de Educação do Paraná



Fonte: Instituto de Educação do Paraná

A sala de aula dedicada à aprendizagem de geografia e astronomia era equipada com globos terrestres de diferentes tamanhos, incluindo, como parece ser evidente na foto, até alguns em relevo. Nas paredes estavam pendurados mapas geográficos representando os vários continentes e um globo, mas a coleção de cartas geográficas de parede era muito mais numerosa do que os pendurados, como pode ser visto pelos suportes portamapas enrolados e encostados na parede (neste caso é a conformação mais tradicional desse suporte e não, por exemplo, o rolo automático feito de acordo com o sistema Weekes que permite pendurar várias cartas de parede ao mesmo tempo, para serem desenrolados conforme a necessidade, que já estava disponível no mercado desde o início do século XX). Existe também um telúrio, utilizado para a demonstração e a explicação de fenômenos astronômicos terrestres e lunares e suas relações em referência ao sol. Dentro das vitrines parece ser possível ver maquetes de barcos e preparações histológicas de crânios humanos.

Figura 05 – Laboratório de zoologia no Instituto de Educação do Paraná



Fonte: Instituto de Educação do Paraná

A seção do acervo dedicada à ciência parece estar dividida em uma sala de aula de anatomia humana e animal e uma segunda dedicada ao “laboratório de zoologia”, conforme legenda escrita a lápis na parte inferior da imagem.

Figura 6 – Laboratório de zoologia do Instituto de Educação do Paraná



Fonte: Instituto de Educação do Paraná

Figura 7 – Laboratório de zoologia do Instituto de Educação do Paraná



Fonte: Instituto de Educação do Paraná

A seção da coleção dedicada à ciência parece estar dividida em uma sala de aula de anatomia humana e animal e uma segunda dedicada ao “laboratório de zoologia” (conforme legenda escrita a lápis na parte inferior da imagem). Na realidade, existem duas fotografias diferentes desta última que, em conjunto, permitem-nos observar a quase totalidade das vitrines desta seção, além de observar que foi organizada como um verdadeiro museu e não como uma sala de aula de laboratório. De qualquer forma, esta parte da coleção classificada como a de zoologia, continha animais taxidermizados, preparações osteológicas e preparações em líquido. Não faltam caixas com preparados entomológicos, modelos de anatomia vegetal e amostras de peles secas.

Na aula de anatomia, por outro lado, são observadas várias preparações osteológicas, incluindo crânios e um esqueleto humano inteiro acompanhado de outras seções de osteologia humana, mas mesmo aqui não faltam preparações em líquidos e animais taxidermizados. Conforme mencionado, o nível de definição das fotografias históricas não nos permite identificar as empresas fornecedoras dos materiais. No entanto, se cruzarmos as referências do que pode ser visto na fotografia com os objetos educacionais históricos ainda preservados no Instituto atualmente, parece que o esqueleto humano e a relativa vitrine visível nas imagens foram preservados até hoje. Se esse for o caso, a presença da placa original neste material didático identifica o nome do fornecedor no Instituto Auxiliar Científico de Curitiba. Por outro lado, não existem mais etiquetas com o nome do fabricante de objetos educacionais históricos, como os modelos tridimensionais de células e um modelo modular de mandíbula cuja datação é compatível com a das fotografias.

Figura 8 – Objetos de estudo do Instituto de Educação do Paraná



Fonte: Acervo pessoal das autoras.

Apontamentos finais

O uso da fotografia como fonte de pesquisa histórico-educativa certamente representa uma chave interpretativa potencializada pela representação visual do objeto de pesquisa. De fato, ela permite “ver” o próprio objeto, mas também a sua localização, ajudando assim a fundamentar teorias sobre o seu papel, a sua utilização, a sua correlação com outros elementos do mesmo contexto e assim por diante. Ao mesmo tempo, quando se utiliza a fotografia, é sempre necessário lembrar que se trata de uma mediação, ou seja, de uma fonte realizada por um sujeito que, através de seus próprios cânones subjetivos e, às vezes, por mandatos institucionais (fotografias que recebem uma tarefa para fins específicos) e que, portanto, o que a “fonte-fotografia” pode nos oferecer é sempre uma representação do patrimônio histórico-educativo de uma escola e não do patrimônio em si. O artigo também confirma como, onde há integração entre diferentes tipos de fontes (neste caso documentos de arquivo), a capacidade “reveladora” da fotografia

umenta consideravelmente, pois por um lado oferece uma vantagem e, por outro, tira proveito de fontes diferentes, potencializando a capacidade de trazer à luz elementos úteis para a pesquisa.

Este artigo, em seu específico caso de estudo que abordou, o Instituto de Educação do Paraná, procurou trazer à luz uma parte até então desconhecida do patrimônio histórico-educativo das escolas de Curitiba, reconstruindo parte da história de um museu escolar rico e articulado e da sua presença em uma das instituições históricas da cidade. Este exemplo contribui para enfatizar as inúmeras possibilidades de descoberta e de aprofundamento que oferecem o tema do museu escolar e as coleções históricas educacionais, permitindo - tanto através de pesquisas diretamente nos institutos individuais, quanto por meio de pesquisas nos arquivos municipais ou estaduais - agregar conhecimentos sobre esse tema ainda relativamente pouco investigado. Contribuir para um tema tão atual é direcionar o olhar para potenciais pesquisas futuras.

Referências bibliográficas

ABDALA, Rachel Duarte. **Fotografias escolares: práticas do olhar e representações sociais nos álbuns fotográficos da Escola Caetano de Campos (1895-1966)**. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2013. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-04112013-113939/pt-br.php>. Acesso em 10/06/2020

ALCANTARA, W. R. (2023). Por terras e mares. **Revista Brasileira De História Da Educação**, 23(1), e268. <https://doi.org/10.4025/rbhe.v23.2023.e268>

ALLGAYER, Rochele. **As Exposições e Eventos nas Conferências Nacionais de Educação: um repertório pedagógico para se dar a ver (1927 - 1956)**. Dissertação de Mestrado. PPGE/UFPR. Curitiba, 2020.

AUMONT, Jacques. **A imagem**. Tradução Estela dos Santos Abreu e Cláudio C. Santoro, 2a. ed., Campinas, SP, Papirus, 1995 (Coleção ofício de arte e forma).

BERRIO, Julio Ruiz. Pasado, presente i porvenir de los museos de educación. In: ESCOLANO BENITO, Augustin; HERNANDEZ DIAZ, José Maria (eds.), **La memoria y el deseo. Cultura de la escuela y educación deseada**. Valencia: Tirant lo Blanch, 2002, pp. 43-65.

BOYER, Myriam. **Les collections et les muséographies des musées de l'école et de l'éducation en Europe. Étude comparative a partir d'exemples significatifs.** Doctorat spécialité Histoire des techniques - Muséologie du Conservatoire national des Arts et Métiers, 2009.

BOYER, Myriam. Les musées de l'école et de l'éducation: un champ muséal quantitativement significatif mais difficile à cerner. **Muséologies**, v. 52, p. 104-129, 2011.

BRAGHINI, Katya. O que os instrumentos científicos nos contam sobre a educação dos sentidos, na passagem do século XIX para o século XX?" IN: BRAGHINI, Katya, MUNAKA Kazumi e OLIVEIRA, T.A Marcus (organizadores) **Diálogos sobre a história da educação dos sentidos e das sensibilidades.** Curitiba: ED.UFPR, 2017.

BRUNELLI, Marita. **Alle origini del museo scolastico. Storia di un dispositivo didattico al servizio della scuola primaria e popolare tra Otto e Novecento.** Macerata: EUM, 2020.

BUISSON, Ferdinand. **Dictionnaire de pédagogie et d'instruction primaire.** Paris: Hachette, 1887.

Burke, P. (2004). **Testemunha ocular: história e imagem** (Vera Maria Xavier dos Santos, trad.). Bauru, SP: Educs.

BUZZETTI, Dino. **Il Museo scolastico. Le raccolte didattiche nelle scuole del Comune di Monselice.** Minerbio: Tipografia Bevilacqua, 1913.

CASTRO, César Augusto (Org.). **Cultura material escolar: a escola e seus artefatos** (MA, SP, PR, SC e RS, 1870-1925). São Luis: EDUFMA, Café & Lápis, 2011

CHIAIA, Giuseppe. **Notizie, catalogo e regolamento del Museo pedagogico provinciale Salvatore Pizzi.** Caserta: G. Nobile, 1879.

CORREIA, A. P. P. (2015). **"Pelo Paraná maior" - as representações da arquitetura nas cidades de Curitiba, Ponta Grossa e Paranaguá, segundo os documentários do início do século.** In Anais do 1º Colóquio Internacional de História Cultural da Cidade (p. 60-75). Porto Alegre, RS.

COSTA, Maria José Franco Ferreira da. **Lysimaco Ferreira da Costa (a dimensão de um homem)** Curitiba: UFPR, 1987.

ESCOLANO, Antonio Benito. La Educación en las Exposiciones Universales. Cuestiones Pedagógicas, v. 21, p. 149-170, 2012. The material turn in the History of Education della rivista «Educató i història: Revista d'història de l'educació», n. 38, 2021.

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia.** São Paulo: Hucitec, 1985.

FLUSSER, Vilém. **O mundo codificado: por uma filosofia do design e da comunicação. Organizado por Rafael Cardoso.** Trad. Raquel Abi-Sâmara. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

GASPAR DA SILVA Vera Lucia, DE SOUZA Gizele, Oggetti di utilità pratica per la scuola elementare: musei pedagogici e scolastici in dibattito, in GASPAR DA SILVA Vera Lucia, DE SOUZA Gizele, CASTRO Cesar Augusto (eds.), **Cultura materiale della scuola in prospettiva storica: scritture e possibilità**, tomo II, São Luís, EDUFMA, 2023, pp. 173-203

Historiografia da Educação) - Universidade Federal do Paraná

INNOCENTI GHINI, Francesco. **Il civico museo pedagogico e scolastico di Genova diretto dal prof. F. Innocenti-Ghini.** Genova: tipo-litografia dei fratelli Pagano, 1883

IWAYA, Marilda. **Palácio da Instrução: representações sobre o Instituto de Educação do Paraná Professor Erasmo Pilotto (1940 – 1960)**, 2000.

KAHN, Pierre. **La leçon de choses: Naissance de l'enseignement des sciences à l'école primaire.** Villeneuve d'Ascq cedex: Presses Universitaires du Septentrion, 2020.

KOSSOY, Boris. *Fotografia e História.* 5.ed. São Paulo. Ateliê Editorial, 2014

LAWN, Martin, GROSVENOR, Iam (eds.). **Materialities of Schooling: Design, Technology, Objects, Routines.** Oxford: Symposium Books, 2005.

LAWN, Martin (ed.). **Modelling the Future: exhibitions and the materiality of education.** Oxford: Symposium Book, 2009.

LAWN, Martin, GROSVENOR, Iam (eds.), **The Making of School Modernities. Education in World Exhibitions.** Oxford: Symposium Books, 2009.

LAWN, Martin. Uma pedagogia para o público: o lugar de objetos, observação, produção mecânica e armários-museus. **Revista Linhas**, Florianópolis, v. 14, n. 26, p. 222–243, 2013.

LINARES, Maria Cristina. Educar con los objetos. Museos pedagógicos en la historia de la educación argentina (1880-2009). **Tesi di Dottorato in Orientación en Cs. Soc.** - Universidad Nacional de Luján. Departamento de Ciencias Sociales, 2012.

MEDA, Juri. Musei della scuola e dell'educazione. Ipotesi progettuale per una sistematizzazione delle iniziative di raccolta, conservazione e valorizzazione dei beni culturali delle scuole. **History of Education & Children's Literature**, v. 2, p. 489-501, 2010.

MEDA, Juri. **Mezzi di educazione di massa. Saggi di storia della cultura materiale della scuola tra XIX e XX secolo.** Milano: FrancoAngeli, 2016.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Fontes visuais, cultura visual, História visual. Balanço provisório, medidas cautelares. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v.23, nº45, p.11-36, 2003. p.28. Grifo do autor.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. Memória e cultura material: documentos pessoais no espaço público. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, 1998, p. 89-103.

MIGUEL, Maria Elisabeth Blanck. **A formação do professor e a organização social do trabalho**. Curitiba.Ed. da UFPR, 1997.

MOEGLIN, Pierre. **Les industries éducatives**. Paris: Presse Universitaire de France, 2010.

MORANDINI, Maria Cristina; PIZZIGONI, Francesca Davida (eds.). **Looking for the first «educational technologies»**. Commercial catalogues as sources for the study of the birth of school materialities. Macerata: EUM, 2023

NITSH, Ulla. **Schule wandert ins Museum. Eine kritische Rekonstruktion der Musealisierung von Schul- und Pädagogikgeschichte 1977-1997**. Berlin: Weidler Buchverlag, 2001.

NUZZACI, Antonella. **I musei pedagogici**. Roma: Edizioni Kappa, 2002.

PAPE CARPANTIER, Marie. **Conférences pédagogiques faites à la Sorbonne aux instituteurs primaires venus à Paris pour l'Exposition Universelle de 1867**. Paris: Librairie de L. Hachette, 1868.

PETRY, Marília Gabriela; GASPAR DA SILVA, Vera Lucia. Museu Escolar: Sentidos, propostas e projetos para a escola primária (Séculos 19 e 20). **Revista História da Educação** [Online], v. 17, n. 41, p. 79-101, 2013.

PIZZIGONI, Francesca Davida. **Tracce di patrimonio. Fonti per lo studio della materialità scolastica nell'Italia del secondo Ottocento**. Lecce: Pensa Multimedia, 2023.

SENET, Honorio J. **Museos escolares: como se pueden formar**. La Plata: Talleres-Solá, Sesé y Cia, 1896, p. 3-30;

SONTAG, Susan. (1981). **Ensaio sobre fotografia**. Rio de Janeiro, RJ: Arbor.

SONTAG, Susan. **Na caverna de Platão**. In: SONTAG, Susan. Sobre fotografia. Tradução de Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 13-35.

SONTAG, Susan. **O mundo-imagem**. In: SONTAG, Susan. Sobre fotografia. Tradução de Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 167-196.

SOUZA, Rosa Fátima de. Fotografias escolares: leitura de imagens na história da escola primária. **Educar em Revista**. Curitiba, n. 18, p. 75-102, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/er/n18/n18a07.pdf>. Acesso em: 11 fev. 2019.

SOUZA, Rosa Fátima de. História da Cultura Material Escolar: Um balanço inicial. In: BENCOSTTA, Marcus Levy (org.). Culturas escolares, saberes e Práticas educativas: itinerários históricos. São Paulo: Cortez, 2007, p. 163-189.

STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Câmara (orgs.). Histórias e memórias da educação no Brasil. 3 volumes. Rio de Janeiro: Vozes, 2005. SENET, Honório J. **Museos escolares: como se pueden formar**. La Plata: Talleres-Solá, Sesé y Cia, 1896, p. 3-30.

VECCHIA, Paolo. La nuova scienza dell'educazione applicata all'insegnamento primario, per uso delle scuole normali e per gli esami di abilitazione all'Ispektorato scolastico. Vol. II (**metodica particolare**). Torino: Stamp. Reale Della Ditta G. B. Paravia e C., 1887.

VIDAL, Diana Gonçalves. A invenção da modernidade educativa: circulação internacional de modelos pedagógicos, sujeitos e objetos no oitocentos. In: CURY, Cláudia Engler, MARIANO, Serioja (eds.), **Múltiplas visões: cultura histórica no oitocentos**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2009, p. 39-58.

VIDAL, Diana Gonçalves. Por uma pedagogia do olhar: os museus escolares no fim do século XIX in VIDAL, Diana Gonçalves. SOUZA, Maria Cecília Cortez de Souza. **A memória e a sombra A escola brasileira entre o Império e a República**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

VIDAL, Diana Gonçalves. As viagens, os viajantes, tantas espécies deles! Os desafios da pesquisa em história comparada da educação. **VII Seminário Temático A Matemática Moderna nas Escolas do Brasil e de Portugal: estudos históricos comparativos**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) 2009 Disponível em http://www.smmfloripa.ufsc.br/pesquisa_historia_da_educacao.pdf Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) 2009

Vieira, D. M., & Allgayer, R. (2023). "Pelo Paraná Maior". **Revista Brasileira De História Da Educação**, 23(1), e278. <https://doi.org/10.4025/rbhe.v23.2023.e278>

Fontes e acervos

Hemeroteca Nacional Digital - notas de jornais inseridas em notas de rodapé

Instituto de Educação do Paraná - fotografias dos laboratórios

Acervo Lysimaco Ferreira da Costa - foto panorâmica da Escola Normal

Foto do esqueleto – acervo pessoal das autoras

Arquivo Público do Paraná

Mensagens de Governo

Paraná. (1927). *Mensagem Presidencial do Estado do Paraná. Mensagem dirigida ao Congresso Legislativo pelo Dr. Caetano Munhoz da Rocha, Presidente do Estado, ao instalar-se a 2ª. Sessão da 18ª Legislatura, em 1 fev. 1927.* Curitiba, PR. Recuperado de: <https://www.administracao.pr.gov.br/ArquivoPublico/Pagina/Mensagens-de-Governo>

Paraná. (1928). *Mensagem Presidencial do Estado do Paraná. Mensagem dirigida ao Congresso Legislativo pelo Dr. Caetano Munhoz da Rocha, Presidente do Estado, ao instalar-se a 2ª. Sessão da 19ª Legislatura, em 1 fev. 1928.* Curitiba, PR. Recuperado de: <https://www.administracao.pr.gov.br/ArquivoPublico/Pagina/Mensagens-de-Governo>

Instrução Pública do Paraná - Correspondência da Deyrolle para o Governo do Estado do Paraná - AP 2235, s/p 1927.

Este livro é o resultado da terceira edição do projeto "Grupos de Pesquisa e Experiências sobre Cultura Material Escolar". Contando com a contribuição de mais de quarenta e dois autores de diversas regiões do Brasil e com a colaboração metodológica e empírica de outros países, como a Itália, "Fontes, enredos e acervos: cultura material escolar em pesquisa(s)" concentra-se na análise teórico-metodológica das fontes e do potencial dos acervos para a pesquisa em cultura material escolar, além de explorar a construção de investigações em história da educação. Neste trabalho, o tema do projeto é abordado sob uma nova perspectiva, com os autores discutindo os aspectos metodológicos relacionados aos acervos consultados, enredos explorados e fontes analisadas pelos grupos de pesquisa parceiros. Este volume representa também o esforço coletivo realizado ao longo dos três anos de duração do projeto.

À medida que avançam nas páginas, os leitores perceberão que os autores apresentam debates inéditos sobre acervos até então pouco explorados, oferecendo uma variedade rica de materiais que resultam em uma leitura envolvente e expandem os horizontes da compreensão da cultura material escolar. Desse modo, os organizadores desejam a todos uma agradável leitura!



ISBN 978-65-5458-280-3.